
APRESENTAÇÃO*

Os aspectos característicos da intelectualidade de massas, digamos, sua identidade, não podem ser encontrados na relação com o trabalho, senão, antes de tudo, sobre o plano da forma de vida, do consumo cultural, dos usos lingüísticos. Ainda, e esta é a outra cara da moeda, quando a produção não é mais, de modo algum, o lugar específico da formação da identidade, agora mesmo ela se projeta sobre os aspectos da experiência, subsumindo dentro de si a competência lingüística, as inclinações éticas, os matizes da subjetividade (VIRNO, 2008, p. 68).

Este número da **Fragmentum** abre mais um espaço para reflexões e vem divulgar o trabalho de professores, pesquisadores e alunos que participam do Laboratório Corpus da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

O que significa publicar na **Fragmentum**? Talvez signifique um belo exemplo do uso da escrita para aquilo que Pêcheux (1975) tanto defendeu no ensino universitário: a “prática política”. É o que as páginas deste número nos dão a ver: a noção de gramática podendo ser repensada e, portanto, deslocada para os campos discursivo, midiático e político. Mas não é só da importância da noção de gramática que trata este número. Sua importância está na busca por um lugar de divulgação dos aspectos característicos da intelectualidade do Corpus, enquanto grupo de pesquisa e lugar de constituição de identidades. Registre-se, então, a projeção da experiência e a constituição de uma memória social que legitima sentidos.

Caciane Souza de Medeiros chama atenção para “O que Comunica e o que não Comunica: A Reiteração do Preconceito Lingüístico na Mídia” e desenvolve uma reflexão sobre os conceitos de língua e gramática enunciados em âmbito midiático. A partir do pensamento de Michel Pêcheux de que a língua serve para comunicar e para não-comunicar, a autora traz à baila a reiteração do mesmo, a repetição das normas da Língua Portuguesa marcada no dizer que a mídia reproduz em seus meios de comunicação e simplifica a questão da língua e dos sujeitos considerados em massa.

O artigo de Flávio Rodrigues - “Gramática no Tempo Presente: A Capoeira e A Gramática do Corpo”- tem por objetivo encaminhar uma reflexão acerca da aprendizagem do corpo diante de uma nova realidade, seus limites e possibilidades. A inquietude é despertada na ultrapassagem das fronteiras territoriais para a capoeira ser/estar no mundo. A reflexão do autor é, se a linguagem exerce seu potencial sobre o sujeito, o que é essencialmente visual aproxima-se da linguagem viso-gesto-espacial das línguas de sinais e possibilita que o sujeito surdo transite por uma cultura que lhe é externa, intersubjetiva. O sentido dessa manifestação cultural, inicialmente do corpo negro escravizado e usado em lutas políticas e como formas de resistência, constitui o caráter heterogêneo de múltiplas expressões hoje.

Mary Neiva Surdi da Luz, em seu artigo intitulado “A Gramática em Sala de Aula – O que dizem Professores e Alunos”, apresenta resultados de pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa Estudos Lingüísticos e Literários, vinculado à Unochapecó-SC. A autora traça um quadro do ensino de gramática na instituição escolar no tempo presente; analisa e reavalia o processo de ensino aprendizagem, trazendo, desse modo, importante contribuição ao ensino.

Marcia Ione Surdi estabelece relações entre gramática, história e ensino, a partir de um viés discursivista, no artigo “A Gramática Escreve sua “História” na História e no Ensino”. O objeto de estudo de Surdi é a **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**, de Carlos Henrique da Rocha Lima. A partir da análise de três capas, constituídas pela imagem e pela palavra, a autora percorre uma, entre outras histórias da gramática, falando sobre sua relação com a gramática em duas dimensões: enquanto professora de língua e enquanto pesquisadora.

Maurício Beck, em “Por uma Gramática Ameríndia: Em um Mundo onde Caibam Muitos Mundos”, discorre acerca do discurso do levante zapatista e a relação deste com a estrutura morfossintática da Língua Tojolabal de família maia. Com objetivo de investigar alguns efeitos de sentido, em parte determinados pela materialidade lingüística do Tojolabal, nos comunicados do Exército Zapatista de Libertação Nacional, o autor traz importante contribuição aos estudos dos discursos zapatistas. O que fica retido na escrita de Beck é que não se nasce incluído, mas que se pode pertencer a, resistir, multiplicar, uma vez que na Língua Tojolabal não há a clássica subordinação ou hierarquia sintática: sujeito-objeto. Só importa a existência dos sujeitos.

Por fim, com o artigo “Singularidade e Resistência: O Político na Gramática da Multidão”, Rejane Maria Arce Vargas apresenta um estudo sobre a possibilidade de uma gramática para os Muitos que constituem a cena contemporânea, ou seja, um modo de estar no mundo e significá-lo mediante prática de sentidos. Nesse sentido, conforme afirma a autora, os conceitos singularidade e de resistência (cf. Orlandi) são atravessados pelo político (cf. Rancière) das relações sociais e constituem os processos de produção de subjetividades.

Se uma das propostas da *Fragmentum* é promover a discussão, certamente esse objetivo se efetiva aqui, porque os textos reunidos neste volume trazem propostas inovadoras, políticas. E os autores apresentam uma característica incomum na academia, que é permitir-se transgredir, tanto nos traços da intelectualidade, pensando os excluídos, quanto na sua identidade, vivenciando teoria/prática.

Agradeço ao Laboratório Corpus, em especial aos autores, que possibilitaram o convívio com esse espírito transgressor, oferecendo a leitor textos de ótima qualidade, com profundidade tanto teórica quanto analítica.

Carme Regina Schons
Dezembro de 2008
Universidade de Passo Fundo

* Os textos reunidos neste número foram apresentados no **XI Seminário Corpus: A Gramática no Tempo Presente**, promovido pelo Laboratório Corpus do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, em 10 de novembro de 2008.